

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 11 | Nº 31 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488



PSICOLOGIA ESCOLAR: A EVOLUÇÃO DO PAPEL DO PSICÓLOGO NA ESCOLA

*Cristina da Cunha Fonseca**

Resumo

O presente estudo trata do tema da evolução da Psicologia Escolar, seu objetivo é realizar uma revisão histórica sobre a evolução do papel do psicólogo na escola, partindo da compreensão da Psicologia Escolar não como uma especialidade em sentido estrito, mas como uma concretização profissional da Psicologia a serviço da escola e da educação. Nesse sentido, o estudo traça considerações sobre a evolução histórica da Psicologia Escolar, destacando essa evolução no Brasil. Através de pesquisa bibliográfica qualitativa, conclui-se que as perspectivas de desenvolvimento profissional da Psicologia no contexto escolar são mediatizadas pela integração das funções próprias do psicólogo escolar em outros corpos profissionais, tais como orientadores educacionais e psicopedagogos e, sobretudo, os alunos, que são o objeto da ação do psicólogo escolar.

Palavras chave: Intervenção. Psicologia Escolar. Sistema Educacional.

Abstract

The present study deals with the theme of the evolution of School Psychology, its objective is to carry out a historical review on the evolution of the role of the psychologist in the school, starting from the understanding of School Psychology not as a specialty in the strict sense, but as a professional realization of Psychology at the service of school and education. In this sense, the study outlines considerations about the historical evolution of School Psychology, highlighting this evolution in Brazil. Through qualitative bibliographic research, it is concluded that the perspectives of professional development of Psychology in the school context are mediated by the integration of the school psychologist's own functions in other professional bodies, such as educational advisors and psychopedagogues and, above all, students, who are the object of the school psychologist's action.

Keywords: Educational System. Intervention. School Psychology.

INTRODUÇÃO

As tarefas consideradas pertinentes ao psicólogo escolar sempre foram muito diversas (preventivas, de reeducação, investigativas, de orientação, etc.), embora tenham se concretizado de diferentes formas, conforme a situação socioeconômica e histórica e o desenvolvimento conceitual da psicologia.

Nesse sentido, a Psicologia Escolar não é apenas uma especialidade em sentido estrito, mas uma concretização profissional da Psicologia a serviço da escola e da educação, tendo evoluído para confirmar a importância do psicólogo escolar para o alcance da qualidade da educação.

* Especialista em Psicologia da Educação e Aprendizagem pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Psicóloga servidora efetiva da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail para contato: cristinacf@uft.edu.br



Com base nessas premissas, o presente estudo tem como tema a evolução da Psicologia Escolar desde seus primórdios até os dias atuais e busca responder ao problema: “Como evoluiu o âmbito profissional da Psicologia Escolar?”.

A hipótese do estudo é de que a Psicologia Escolar conta com sua própria história, anterior à implantação oficial da disciplina e essa história deve ser relatada aproximando a Psicologia à Educação. Ainda, para compreender a sua evolução é necessário vincular os dados históricos com o papel do psicólogo escolar na escola.

Tomando por base essas hipóteses, o objetivo principal do estudo é realizar uma revisão histórica sobre a evolução do papel do psicólogo na escola. Especificamente, o estudo tem como objetivos reconhecer o papel do psicólogo escolar e sua evolução histórica e compreender de que forma a Psicologia Escola evoluiu no mundo e, particularmente, no Brasil.

A metodologia do estudo é a pesquisa bibliográfica caracterizada como pesquisa qualitativa, pois busca a análise de informações de diversas fontes para sua elaboração. Quanto aos objetivos, o trabalho pode ser classificado como pesquisa exploratória, buscando dados para a elaboração em diversos meios, envolvendo também a pesquisa bibliográfica, que proporciona maior conhecimento e familiaridade com o tema.

A EVOLUÇÃO E O PAPEL DA PSICOLOGIA NA ESCOLA

Psicologia e Educação

Nas últimas décadas, diversos esforços foram feitos para delimitar o conceito e o objeto da Psicologia da Educação. Nesse sentido, Goulart (2011) considera importante assinalar que nem sempre estes esforços atingiram seus objetivos e, por isso, houve grande dispersão, tanto em relação ao marco conceitual desta disciplina como em relação ao seu objeto de estudo e método de investigação.

Moreira (2011) comenta que nas décadas de quarenta e cinquenta, a Psicologia da Educação era uma psicologia da aprendizagem aplicada à educação, passando posteriormente a ser definida como uma psicologia evolutiva aplicada à educação e, na atualidade, participa com clareza das contribuições que os conhecimentos trazidos por diferentes enfoques dentro da psicologia cognitiva e cultural trouxeram para o campo da educação.

Sugere Goulart (2011), para esclarecer as diferentes contribuições da Psicologia aos processos educativos, basicamente formais, que se parta da perspectiva interacionista e sistêmica, referindo-se às



questões que Ausubel (1976) assinala como critérios fundamentais para aproximar-se ao conceito, objeto e método da Psicologia da Educação:

Ausubel questiona: Em que pode contribuir a Psicologia da Educação ou de que forma podem ser aplicados os princípios desta ciência à prática educativa? Que referências da estratégia de investigação no campo da Psicologia Educativa? A Psicologia da Educação é uma área genuinamente delimitada, com sua própria teoria, problemas de investigação e metodologia básica ou apenas a aplicação direta de princípios e métodos da Psicologia Geral a questões educacionais? Os investigadores que trabalham no campo da Psicologia da Educação devem se ajustar a uma “ciência básica” ou a um “enfoque aplicado”? (GOULART, 2011, p. 27).

Como se verifica, são questões complexas que suscitam reflexões sobre aspectos importantes para explicar alguns fenômenos que ocorrem com regularidade nos processos de ensino e aprendizagem em situações educativas basicamente estruturadas.

Assim, a compreensão do conceito da Psicologia da Educação pode ser obtida através de uma concepção sistêmica, sobre a qual Coll *apud* Machado *et al.* (2007, p. 89) comenta que é necessário contemplar os três componentes que integram conceito e objeto da disciplina (núcleo teórico-conceitual, procedimentos de ajuste e práticas educativas) em sua dimensão teórica e aplicada: “a Psicologia da Educação considera como objeto de estudo próprio os processos de mudança comportamental provocados e induzidos pelas situações de ensino-aprendizagem”.

Goulart (2011) assinala que uma série de ideias-força ou princípios da Psicologia trouxe maior clareza aos processos educativos, concretamente ao currículo escolar. Especificamente, relaciona esses princípios desde enfoques basicamente cognitivos e interacionistas, dentre os quais se sobressaem:

- a) A teoria genética de Jean Piaget e seus colaboradores, que oferece uma base importante para compreender o desenvolvimento operatório infantil, oferecendo conhecimentos necessários para planejar com rigor as sequências de aprendizagem e os procedimentos de resolução de tarefas.
- b) Outro princípio fundamental é oferecido pelos postulados de Vygotsky, através da teoria da atividade e da zona de desenvolvimento proximal, sobretudo para a compreensão das relações entre aprendizagem e desenvolvimento, um tema nuclear nas análises feitas de toda a prática educativa.
- c) As contribuições da Psicologia Cultural, no sentido de que possibilitam uma melhor compreensão dos conceitos de cultura, educação, aprendizagem, desenvolvimento e escolarização.
- d) A teoria de Ausubel sobre a aprendizagem escolar e, concretamente, sobre a aprendizagem verbal significativa.
- e) As contribuições decorrentes da modificação do conceito de memória como recipiente passivo de informação, passando a um conceito mais dinâmico. Este é outro ponto fundamental, junto às contribuições da teoria de esquemas, inspirada nos princípios do processamento humano da informação, no qual se enfatiza a importância dos conhecimentos prévios que, em geral, se organizam em unidades organizativas e funcionais. Isso significa que esses conhecimentos dão a pedra de toque e o fator essencial na realização de novas aprendizagens.



- f) A chamada teoria da elaboração de Merrill e Reigeluth, que busca construir uma teoria global da instrução, muito útil para o planejamento escolar.

Todas as contribuições que a Psicologia trouxe para melhor compreensão do currículo escolar e, em consequência, da educação, desembocam na ideia de que educar é, basicamente, ajudar o aluno a aprender a aprender.

A evolução da Psicologia Escolar

A Psicologia Escolar é uma ciência relativamente jovem, mas cujas origens se encontram em um passado remoto. Provavelmente, segundo analisa Gleitman (2013), seu início pode ser situado nas tradições populares que tratavam da educação dos filhos.

A partir desse longo passado, Gleitman (2013) destaca algumas figuras eminentes, como Demócrito (século V a.C.), que escreveu sobre as vantagens da escolaridade e sobre a influência do lar na aprendizagem. Um século mais tarde, Platão e Aristóteles (século IV a.C.), discutiram muitos dos conteúdos da psicologia educacional: os fins da educação, a educação diferenciada, o desenvolvimento das habilidades psicomotoras, a formação do caráter, as possibilidades e limites da educação moral, as relações entre professor e aluno, os métodos de ensino-aprendizagem, dentre outros.

Quintiliano, no século I d.C., defendeu a educação pública diante da privada, a fim de preservar os ideais democráticos, condenando a força física como método disciplinar, recomendando um bom ensino e um currículo atrativo para resolver problemas de conduta, aconselhando os professores a considerarem as diferenças individuais e estabelecendo critérios para a escolha de professores.

Hothersall (2016) cita outras figuras destacadas, como Comenio (1657), que influenciou o pensamento psicoeducacional escrevendo textos baseados na teoria evolutiva e apontou o uso de auxílios visuais para a instrução. Recomendou que a instrução iniciasse pelo geral e fosse progressivamente ao particular, considerando que seu objetivo não era a memória, mas a compreensão.

Descartes e Locke defenderam posições contrapostas: Descartes (1596-1650) defendeu o protagonismo das ideias inatas como base do conhecimento, enquanto Locke (1632-1704) apelou às impressões sensoriais, ou seja, à experiência. Porém, todos os especialistas reconhecem Thorndike como o pai da Psicologia Educativa. Thorndike instruiu-se na área da Psicologia Experimental e foi, sobretudo, um criador experimental no campo da educação (HOTHERSALL, 2016).

Marinho-Araújo *apud* Dazzani e Souza (2016) expõe o desenvolvimento histórico da Psicologia Escolar delimitando suas fases, de acordo com o surgimento das funções mais significativas desse ramo da Psicologia, observa que a primeira época se situa entre 1880 e 1920, caracterizando-se pela



preocupação pelo estudo das diferenças individuais e a administração de testes úteis para o diagnóstico e tratamento de crianças com problemas. Desse modo, em suas origens, a Psicologia Escolar aparece fortemente vinculada com a educação especial.

Sobre esse período, Taveira (2012) comenta que no final do século XIX, surge a Psicologia como domínio diferenciado de conhecimento científico, com uma clara influência do contexto econômico e cultural da época. Os processos de concentração urbana e a nova ordem econômica derivados da Revolução Industrial produzem mudanças na organização familiar e social que, por sua vez, provocam a necessidade de generalizar o ensino. Estas mudanças, junto à crença no progresso científico própria desse período, geram um clima favorável para o desenvolvimento das profissões de ajuda, como a Psicologia.

Complementarmente, assinala Taveira:

As preocupações da administração da educação pelas dificuldades de aprendizagem, a deficiência mental, as dificuldades de aprendizagem, levaram à busca de resposta no corpus de conhecimentos que geraram a Psicologia Experimental. Assim, ainda que os primeiros psicólogos se formassem em laboratórios de psicologia experimental, seu trabalho se diversificou em duas fontes: o estudo das diferenças individuais (claramente influenciado pelos pressupostos evolucionistas da biologia de Darwin) e a prestação de serviços assistenciais relacionados em grande medida com a infância. Desde o primeiro laboratório, dirigido por Wundt, em Leipzig (1879), podemos rastrear o trabalho de figuras pioneiras no desenvolvimento da psicologia escolar como profissão (TAVEIRA, 2012, p. 35).

Sobre essa primeira etapa, escreve Coll (2014) que em suas origens, a psicologia escolar aparece estreitamente vinculada ao estudo e medida das diferenças individuais, mais concretamente ao movimento dos testes. O psicólogo escolar é, sobretudo, durante as duas ou três primeiras décadas do século XX, um profissional ocupado em administrar testes de inteligência e de rendimento escolar.

Em um segundo momento, entre 1920 e 1955, o impacto do movimento de saúde mental promove a proliferação de serviços psicológicos para tratar de problemas psicológicos infantis dentro e fora da escola. Divulga-se a ideia de uma Psicologia Escolar não limitada ao diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem escolar, mas ocupada também na atenção aos aspectos emocionais, afetivos e sociais do aluno (MARINHO-ARAÚJO *apud* DAZZANI; SOUZA, 2016).

Em 1920 se situa o ponto definitivo da evolução da Psicologia Escolar, constituindo-se a formação do psicólogo escolar em uma das grandes preocupações desse período. Programas específicos de formação foram estabelecidos os quais, junto a outros fatores igualmente relevantes, contribuíram para o desenvolvimento da identidade profissional do psicólogo escolar. Dentre esses fatores, Marinho-Araújo *apud* Dazzani e Souza (2016) destaca:



- a) As buscas formais por definir e enunciar suas funções. Introduz-se progressivamente a ideia de que a Psicologia Escolar não pode se limitar ao diagnóstico e tratamento de problemas de aprendizagem, mas deve assumir também a atenção à saúde mental do aluno.
- b) A expansão dos serviços assistenciais ligados aos centros escolares que se distribuem desigualmente e geralmente se situam nas zonas urbana, realizando diagnósticos intelectuais e de rendimento, entrevistas com pais e professores. Wallon, em 1944, iniciou um projeto de reforma de ensino que levou à criação de um serviço nacional de psicologia escolar. As funções dos psicólogos deste serviço iam desde a ajuda a alunos, professores e pais até a reflexão sobre conteúdos e métodos de ensino. Em 1947, na Reforma de Ensino Langevin-Wallon, o psicólogo escolar passou a ter funções diferenciadas: conhecimento da criança em suas características individuais e evolutivas, para garantir uma escolaridade ajustada a ela; participar com os professores na avaliação e revisão da metodologia de ensino e proporcionar conhecimentos que possibilitassem maior adequação dos programas às possibilidades intelectuais dos alunos.
- c) A consolidação das ações profissionais, estabelecendo, em 1954, a qualificação profissional do psicólogo escolar estabelecendo, sobre o papel do psicólogo escolar, junto a funções de diagnóstico, detecção e programas de tratamento para crianças com deficiência, o planejamento de programas educativos e de facilitação da aprendizagem para todos os alunos.
- d) O surgimento de publicações especializadas, com grande impacto na concepção da psicologia escolar. Rogers propõe um enfoque não diretivo e centrado nos problemas pessoais. A Segunda Guerra Mundial reforçou a necessidade de especialistas, obrigando os psicólogos a desenvolverem terapias e reabilitações, o que afetou positivamente o progresso da investigação e da formação especializada dos psicólogos escolares.

Coll observa:

59

Até 1955, a psicologia escolar se encontrou em seu primeiro grande momento de desenvolvimento, graças à generalização dos serviços psicológicos escolares e à institucionalização dos programas de formação. A função diagnóstica passa da direção à detecção de déficits intelectuais a uma concepção mais ampla da evolução psicoeducativa e a população alvo do diagnóstico abrangerá os alunos considerados normais e não apenas os problemáticos. Delimitam-se as funções de assessoramento, tratamento e reeducação, tanto referentes a dificuldades de aprendizagem como a problemas de ajuste e adaptação e se esboça a colaboração do psicólogo com os professores no planejamento de materiais e programas educativos (COLL, 2014, p. 27).

Na terceira etapa, entre 1955 e 1970, passou a ser considerada a necessidade de formar os professores nos avanços do conhecimento psicológico e em sua integração na metodologia didática. O psicólogo escolar passou a representar o profissional que age como ponte entre esse conhecimento psicológico e a prática escolar. Segundo Marinho-Araújo *apud* Dazzani e Souza (2016), a partir de 1970 iniciou a busca por modelos alternativos baseados nas teorias sistêmicas e ecológicas e na Psicologia Comunitária, para mudar o esquema de atenção individualizada aos casos problemáticos, ressaltando a importância do contexto escolar.

Na Europa e Estados Unidos se multiplicaram as reformas nos níveis do sistema educativo educativas e iniciou uma política de escolarização de todos. Neste movimento se revela a opinião quase generalizada de que a reforma educacional é um instrumento eficiente de mudança social, que garante



desenvolvimento e igualdade de oportunidades. Nesse contexto otimista, a publicação da “Introdução à Psicologia Genética” de Piaget, em 1950, gerou grandes expectativas nos educadores sobre a aplicação da teoria genética à aprendizagem (COLL, 2014).

Conforme comenta Coll:

A maioria das aplicações da teoria genética à educação que envolvem desde a revisão do currículo até os métodos de ensino e programas de educação compensatória aparecem entre os últimos anos da década dos cinquenta e primeiros dos sessenta. Tentativas que vinculam a ideia de que a psicologia e a epistemologia genética têm a chave para solucionar, se não todos, ao menos os mais importantes problemas educacionais (COLL, 2014, p. 97).

Com a aproximação da União Soviética ao ocidente começa a ser divulgada a obra de Vygotsky, Luria, Leontiev, entre outros. Nesta etapa, para Coll (2014), o progresso social e o progresso da ciência psicológica permitiram melhor delimitação das funções da psicologia na escola e possibilitaram avanços nas investigações educativas. Também, consolidou-se a presença dos psicólogos escolares, com uma maior participação nos aspectos de investigação e integração do conhecimento psicológico na metodologia didática.

Marinho-Araújo *apud* Dazzani e Souza (2016) aludem à última etapa, a partir dos anos setenta e com desdobramentos que chegam aos dias atuais, em que o campo da Psicologia Escolar avançou mais do que em toda a sua história anterior. O rápido crescimento do número de profissionais fez com que se tornasse cada vez mais necessário estabelecer critérios e debater sobre o seu modelo de ação.

Sobre essa questão Coll comenta:

Apesar de inúmeros congressos para discutir o tema [do modelo de ação do psicólogo escolar], a APA e a NASP mantiveram diferenças no que diz respeito ao perfil e formação do psicólogo escolar. Enquanto a APA o considera um profissional autônomo, investigador e doutor em Psicologia, a NASP sustenta que deve ser um profissional integrado na estrutura educativa pública, com formação em fundamentos psicológicos e educativos (COLL, 2014, p. 99).

Para Coll (2014), ao longo da história da psicologia escolar se pode comprovar como a intervenção na escola vai se matizando em função de fatores gerais do contexto sociocultural e de outros, específicos de sua própria evolução como profissão. Outro fator importante deriva do contexto específico em que se desenvolve: a organização do sistema educacional, que escassamente contempla a presença do psicólogo, mesmo que estabeleça objetivos relacionados a ela, como orientação educativa, atenção educacional individualizada, etc.

O período compreendido entre a década de oitenta e a atualidade é de grande significado para a educação, porque aumenta a consciência de que a esta pode e deve melhorar e que as escolas são locais



importantes e requerem atenção especial. A Psicologia Escolar, cada vez mais, adquire prevalência em uma perspectiva socializadora do aluno e de qualificação do ensino (COLL, 2014).

No âmbito brasileiro, a década de setenta foi decisiva na redefinição dos objetivos da Psicologia Escolar. Os tempos eram de ditadura militar e as intervenções psicológicas na escola eram de base condutivista, que Gleitman (2007) define como tendo por objeto o estudo, reduzido ao observável, do comportamento exterior (motor, verbal ou glandular), prescindindo da consciência e dos sentimentos.

. O papel do psicólogo, nesse cenário, era modificar o comportamento de crianças consideradas problemáticas. Ao longo dos anos setenta, para Machado (2010), o foco deixou de ser o aluno e passou à instituição como um todo. O psicólogo escolar era o responsável por intensificar a problematização entre os sujeitos escolares, com o objetivo de romper os discursos institucionalizados.

Segundo Machado (2010), o discurso da escola é vivido, em geral, de maneira ambígua pelos pais, pois por um lado a convivência diária com as crianças possibilita a percepção de seu potencial e de suas realizações e por outro a escola e o professor, com a autoridade e a legitimidade do saber, dizem o contrário. Assumindo o espaço *psi* com parâmetros psicanalíticos, descreve o papel do psicólogo escolar da seguinte forma:

- a) O objetivo do trabalho do psicólogo na escola é o de abrir um espaço para a circulação dos diferentes discursos.
- b) Diante da demanda da escola, o psicólogo não atenderá nem a recusará, mas a “escutará” (escrita no sentido psicanalítico).
- c) O trabalho do psicólogo se movimentará na interseção entre a Psicologia e a Pedagogia.
- d) O psicólogo dirige os trabalhos, mas não dirige as pessoas. Cada um deverá responsabilizar-se por aquilo que diz.

Ao psicólogo escolar cabe mediar a difícil relação entre a escola e o aluno, desenvolver um ambiente saudável e promotor de saúde mental. Machado (2010) salienta que o psicólogo como profissional deve passar da atividade psicoterápica (doença e cura) à da psico-higiene (população sadia e promoção da saúde), o que implica em mudança de foco, passando de enfoques individuais para sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, cumprindo com o objetivo de realizar uma revisão histórica sobre a evolução do papel do psicólogo na escola, tratou da aproximação entre a Psicologia e a Educação, da evolução histórica da Psicologia Escolar e, conseqüentemente, da visão do papel do psicólogo escolar.



Conclusivamente, é possível afirmar que a versatilidade das atuações do psicólogo no âmbito escolar cada vez mais, no decorrer do tempo, favorece a consideração desse profissional como útil e necessário no âmbito socioeducativo, para cumprir com a demanda de qualificação do ensino.

Nesse sentido, que é essencial para compreender a evolução da Psicologia Escolar e sua importância, observa-se que o futuro que se espera para a educação passa pelos avanços da Psicologia Escolar e pelas mudanças que esse âmbito da Psicologia trouxe e trará para a educação. Em primeiro lugar observa-se, na evolução da Psicologia Escolar, o surgimento de grandes ideias que modificaram a ideia da aprendizagem, de ensino e o próprio conceito da educação. Em segundo lugar, essa evolução contribuiu para que as mudanças se mantivessem em um sentido de qualidade da educação e de seus resultados, modificando o ambiente de aprendizagem de cada escola, contribuindo para que os professores adotem papéis diferentes diante do conhecimento e ajam mais como guias do que como transmissores.

Faz-se importante ressaltar que a aprovação da Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019, a qual dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica, amplia o espaço de atuação da psicologia na escola, o que certamente implicará em mudanças na prática.

Finalmente, pode-se concluir que as perspectivas de desenvolvimento profissional da Psicologia no contexto escolar são mediatizadas pela integração das funções próprias do psicólogo escolar em outros corpos profissionais, tais como orientadores educacionais e psicopedagogos, os próprios professores e, sobretudo, os alunos, que são o objeto da ação do psicólogo escolar.

REFERÊNCIAS

COLL, César. **Psicologia do ensino**. Porto Alegre: Penso, 2014.

GLEITMAN, Henry. **Psicologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

GOULART, Iris Barbosa. **Psicologia da Educação**: fundamentos teóricos, aplicações à prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 2011.

HOTHERSALL, David. **História da Psicologia**. Porto Alegre: AMGH Editora, 2016.

MACHADO, Adriana; FERNANDES, Angela; ROCHA, Marisa (orgs.) **Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 2011.



MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. “Perspectiva Histórico-cultural do Desenvolvimento Humano: fundamentos para atuação em Psicologia Escolar”. *In*: DAZZANI, Maria Virgínia; SOUZA, Vera Lucia Trevisan de (orgs.). **Psicologia Escolar Crítica**: teoria e prática nos contextos educacionais. Campinas: Alínea, 2016.

MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria; ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. **Psicologia Escolar**: construção e consolidação da identidade profissional. Campinas: Alínea, 2014.

TAVEIRA, Maria do Céu. **Psicologia escolar**: uma proposta científico-pedagógica. Lisboa: Quarteto, 2012.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 11 | Nº 31 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima